

Um Homem, o Olhar

José de Matos - Cruz

INSÓLITA E PRESTIGIADA LOGO A NÍVEL EUROPEU, a cinematografia portuguesa mantém uma peculiar constância quanto ao criador que melhor a simboliza e representa: Manoel de Oliveira, a caminho dos 93 anos, por um percurso que remonta às origens da sétima arte, enquanto perspectiva a vanguarda dos audiovisuais. Através de olhares, intuições, memórias, eis um homem cuja marca de autor se delimita entre a sensibilidade e a experiência.

Oliveira sagra um novo milénio revendo o «Porto da Minha Infância» (2001), onde há 70 anos se iniciou com «Douro, Faina Fluvial» (1931) e, em finais do século XIX, o pioneiro Aurélio da Paz dos Reis registara em película as primordiais imagens animadas. Entretanto, o realizador de «O Passado e o Presente» (1971) – que restaurou a sua feição convencional, após «Aniki-Bobó» (1942) – transfigura-se em «Vou Para Casa» (2001).

Filmando em francês e em Paris, Oliveira aborda o próprio berço do cinema, culminando ao mesmo tempo uma consagração internacional. Como sempre, e com o seu habitual colaborador Jacques Parsi, concebeu o argumento de uma perturbadora simplicidade dramática. Mas sem quaisquer referências literárias, excepto aquelas que decorrem da natureza e da simbologia do enredo, com perfeita adequação ao imaginário mais pessoal.

Um velho e prestigiado actor de teatro que, ao longo da sua carreira, interpretou todos os grandes papéis, Gilbert Valence, permanece inquieto e insatisfeito perante o mundo que o rodeia. Até que, um dia, perde a mulher, a filha e o genro num desastre de viação, restando-lhe apenas o pequeno neto... Eis a trama sintética, cujo desempenho o veterano Michel Piccoli – de regresso, após «Party» (1996) – assume com uma mestria portentosa.

Mais uma vez, Oliveira faz patente a extraordinária capacidade para captar tendências,

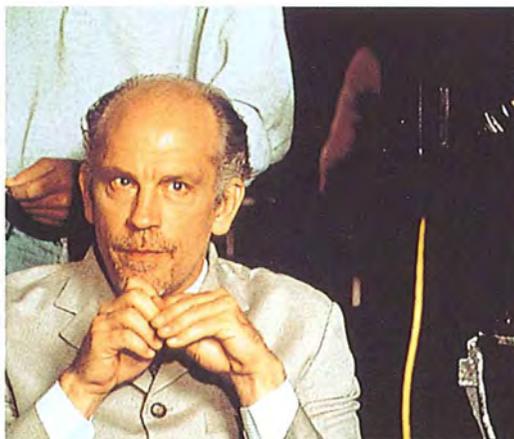
impressões, modelando-as de um modo subtil, com lucidez e talento, ao seu mundo interior de expectativas, valores, inquietações, assim virtualizando um testemunho actual de angústias, emoções, que é, simultaneamente, de compromisso e premonitório. Mas, cada vez mais, o cineasta deixa transparecer uma sublimação ritual de ironia e serenidade.

Logo, é legítimo invocar «Viagem ao Princípio do Mundo» (1997) – a exposição mais íntima de Oliveira, não considerando o testemunho sigilado em «Visita ou Memórias e Confissões» (1982) – para justificar a conciliação entre infância e maturidade, cúmplice através de avô e neto. Reflectindo a comédia da vida no artificio da arte, é o incómodo de Valence perante a maquilhagem desta que o resgata à deterioração da existência.

Negando tradicionalmente a realidade do cinema, Oliveira confere em «Vou Para Casa» a sua recorrente subversão, quanto à essência da representação no teatro do mundo. Os sinais de composição e decomposição, que Valence consome em palco («O Rei Está a Morrer» de Eugene Ionesco, «A Tempestade» de William Shakespeare), percebem, afinal, o paradoxo de uma fixação embora anímica (animada) à tela. Daí, a rotura.

Por isso mesmo, o Buck Mulligan de Valence é «invisível» para o público, ou apenas perscrutável intermediariamente, pela reacção do cineasta (John Malkovich), durante a filmagem do «Ulisses» de James Joyce. Até à irreversível, pacífica decisão do abandono. Aliás, a dignidade e a integridade consubstanciam o carácter de Valence, mas a opção ética que lhe está subjacente concerne intrinsecamente a Oliveira, até ao rigor estético.

Lançado em Maio último na Selecção Oficial do Festival de Cannes, «Vou Para Casa» trilha já um triunfal itinerário europeu, destacando-se mais de 40 000 espectadores – durante as pri-



«Vou para Casa» / «de Rentre à la Maison» (2001).
Fotografias cedidas por Madragoa Filmes.

meiras três semanas, com 31 cópias – em Itália. Entretanto, Oliveira recebeu o Prémio Bresson no Festival de Veneza, onde foi apresentado o «Porto da Minha Infância», galardoado com o Prémio Cict/Unesco. Um elã imparável e incomparável...